



INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SENSORIAMENTO REMOTO

Disciplina: SER-350-3 - Introdução à Geoinformática

Docentes: Silvana Amaral, Marcos Adami, Gilberto Ribeiro, Karine Reis Ferreira e Lúbia Vinhas

Discente: Heitor Martins Guimarães

Orientadores: Antonio Miguel Vieira Monteiro e Flávia Feitosa

PROPOSTA DE MONOGRAFIA

1. Introdução e justificativa

Os estudos sobre favelas engendram diversas dificuldades. Dentre elas, destaca-se a heterogeneidade (Kawahara, 2023) dessa forma de habitar o espaço. Tendo um papel central nos circuitos econômicos das cidades e nas pesquisas sobre segregação espacial, é indispensável levá-las em conta quando se pensa cidades, ocupação do território e, em última instância, a própria sociedade brasileira.

O desafio de se debruçar sobre um objeto que contém em si tanta diversidade não é novo na antropologia. Ao produzir narrativas coerentes sobre a cultura de um determinado povo, é importante estar atento para não apagar os conflitos internos, as dissidências, homogeneizando coisas muito diferentes a fim de construir a coerência narrativa (Abu-Lughod, 2018; Abu-Lughod, 2020). Embora a favela não seja uma coisa só, existem características que as diferenciam de outras maneiras de ocupar o espaço.

O conceito de segregação urbana é relevante aqui: a localização é chave para pensar a segregação (Feitosa *et al.*, 2007), conceito diretamente relacionado ao quanto pessoas de determinada vizinhança interagem ou não entre si. A segregação espacial urbana tem certas implicações observadas empiricamente, a saber: diferentes grupos têm acesso diferenciado a serviços, recursos e a centros urbanos, dependendo do seu local de moradia (Barros; Feitosa, 2019). Ao caracterizar esses grupos, observa-se a relevância de fatores socioeconômicos e, no contexto brasileiro, um marcado recorte étnico-racial.

Diversos tipos de biomas, influências culturais, relevos, coincidências históricas e relações econômicas locais, para citar alguns fatores, moldam esses espaços que o IBGE veio,

somente em janeiro de 2024, a caracterizar como “Favelas e comunidades urbanas”. Antes disso, tínhamos somente o termo “Aglomerados subnormais” na classificação oficial do instituto. Essa forma de nomeação carregava diversos problemas, como a ênfase sobre a ilegalidade, em definição da “subnormalidade” pelo IBGE, e o não-diálogo com os atores sociais sobre a identificação com essa definição (Catalá; Carmo, 2021). Portanto, após debates com diversos agentes sociais, houve a alteração do termo, agora mais acessível e menos estigmatizante.

Dado esse contexto, a proposta desse trabalho é a análise comparativa de dados do censo de 2010 e do censo de 2022 sobre “Aglomerados subnormais” e “Favelas e comunidades urbanas” na cidade de São Paulo e o ABC Paulista. O objetivo é olhar para o aumento (ou redução) das favelas e tentar responder à pergunta: quais as mudanças observadas são relativas a mudanças reais na ocupação territorial e quais são relativas a mudanças na metodologia do IBGE.

2. Metodologia

Portanto, analisarei a metodologia utilizada pelo IBGE nos censos dos anos de 2010 e 2022, realizando o *download* dos dados dos setores censitários classificados respectivamente como “Aglomerados subnormais” e “Favelas e comunidades urbanas”. Consultas a eventuais sites como a prefeitura de São Paulo, que também produziu mapas utilizando os dados geográficos do IBGE, eventualmente serão consultados.

Além dos dados metodológicos e geográficos do IBGE, serão utilizados dados de classificação de uso e ocupação do solo, baseados em dados de satélites, de bases como o “MapBiomas”.

Os dados serão manipulados no software QGIS, que deve resultar em um mapa com quatro camadas, nas quais serão utilizados polígonos de diferentes cores mostrando o seguinte: 1) o que estava mapeado só em 2010 e não em 2022; 2) o que estava mapeado em ambos os períodos; 3) as áreas que estavam ocupadas em 2010 e não estavam mapeadas; e 4) aquelas que de fato são novas em 2022. É possível que surjam outras camadas ao longo do trabalho, como camadas de regiões de favelas novas em 2022, mas não mapeadas pelo último censo; ou que eu não encontre áreas de favela não mapeadas em 2010, concluindo que os dados do censo anterior foram precisos. Tais conclusões dependerão do que será encontrado na pesquisa nas bases mencionadas, juntamente com a análise dos dados de sensoriamento remoto.

3. Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, L. A escrita contra a cultura. *Equatorial*, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018.

ABU-LUGHOD, L. *A escrita dos mundos de mulheres. Histórias beduínas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020.

BARROS, J.; FEITOSA, F. F. Uneven geographies: exploring the sensitivity of spatial indices of residential segregation. *Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science*, v. 45, n. 6, p. 1073–1089, 2018. Disponível em: <http://doi.org/10.1177/2399808318760572>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CATALÁ, L.; CARMO, R. O conceito de aglomerado subnormal do IBGE e a precariedade dos serviços básicos de infraestrutura urbana. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, p. e0154, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/8n57JHNjHP7rxKp9C5whmCg/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

FEITOSA, F. F.; CAMARA, G.; MONTEIRO, A. M. V.; KOSCHITZKI, T.; SILVA, M. P. Global and local spatial indices of urban segregation. *International Journal of Geographical Information Science*, v. 21, p. 299–323, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13658810600911903>. Acesso em: 15 abr. 2025.

KAWAHARA, I. Z. *Mercado imobiliário em favelas: um estudo sobre os promotores imobiliários*. 2023. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2023.